

O recanto iluminado

Gabriel Cavalheiro Tonin

projetopassofundo.com.br

O recanto iluminado



Gabriel Cavalheiro Tonin

O recanto iluminado

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0
Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

T665r Tonin, Gabriel Cavalheiro

O recanto iluminado [recurso eletrônico] / Gabriel Cavalheiro Tonin. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

737KB ; PDF.

ISBN 978-85-8326-293-0

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Arte de contar histórias. 3. Crônicas. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Breves considerações ao mundo leitor

Quando decidi juntar alguns causos sobre minha vivência junto ao Seminário Scalabrini não imaginei o quão frutífera seria a tarefa. São quatro anos de puro encantamento com um lugar fascinante, que faz refletir, apaixonar-se, inspirar-se.

Não houve dia em que eu, estando lá, não tenha sido feliz. Tudo foi, e é, maravilhoso. É por isso que retirei a essência daquilo que pulsava em mim e teci essas breves crônicas. Quem sou eu? A definição dada pelos outros é: "Gabriel Cavalheiro Tonin, também conhecido como Gabito Pirulito, é professor, escritor e palhaço, tendo já publicado um livro (Roda Pião), e encantado muitas crianças por meio das trapalhadas de sua trupe, o Grupo Alalua."

Eu vejo diferente. Sou um arteiro, aprendiz da vida, meio poeta, meio palhaço, que em um dia iluminado encontrou um caminho maravilhoso e disse: isso faz meu coração vibrar. Assim seja hoje e sempre!

O paraíso existe

O paraíso existe. Porém, veja bem: não estou falando do lugar onde as boas almas descansam após a morte, segundo algumas tradições filosóficas e religiosas creem. Minha referência é destes tantos pontos fenomenais por aí, de extrema beleza e encanto aos olhos.

É claro que o leitor desse texto, desapercibido, começa a imaginar o que é paradisíaco: praias muito limpas, montanhas, cidades espetaculares. Concordo plenamente, até porque tais locais são divinos.

Mas eu quero tratar do meu paraíso. E eu o descobri em 2013, mais precisamente no mês de abril, e, para ser mais exato, no dia dez. Uma ligação telefônica me conectou a esse universo. Senti-me agraciado com o convite para conhecer e integrar a equipe desse lugar. Iniciava-se ali uma história mágica!

No mesmo instante bradei à família: vou para um Seminário! Quase matei de susto a todos. Como assim? Pois então pensava eu no sacerdócio e nunca havia comentado com ninguém? E a faculdade? E os outros projetos?

Tratei de acalmá-los. O convite não era para ser seminarista, mas sim professor. Auxiliar garotos do ensino médio a se entenderem melhor com a química, apenas isso. Uma tarefa desafiadora, pois eu estava mergulhado no mundo jurídico à época, mas era eu quem havia escolhido aquilo. Queria criar algo de valor à sociedade e ainda por cima receber uns trocados.

Naquele já longínquo dez de abril me pus a marchar em direção ao Seminário Scalabrini. Para dizer a verdade fui conduzido por minha mãe, pois nunca nem sequer sonhei onde ficasse esse lugar. A viagem foi curta, mas quando cheguei ao destino quase enfartei de encantamento. Uma entrada colossal, com palmeiras jerivás distribuídos nos dois lados e um enorme casarão verde de dois pisos estavam à minha espera. Flores se espalhavam por todos os cantos, um verde exuberante contagiava o espaço e, o mais belo

de tudo: ao olhar para trás vi a minha cidade de Passo Fundo toda pequenina no horizonte, com seus prédios gigantes parecendo formiguinhas ao longe. Que vista espetacular!

A recepção foi mais calorosa ainda. O ambiente dentro da residência era simples, mas muito acolhedor. Colocamo-nos na sala de aula e, com todos os meninos ali reunidos (mais de dez), iniciamos nossa jornada (uma jornada, aliás, digna de cinema, maravilhosa).

Simplesmente havia eu encontrado o meu pedaço de paraíso na Terra. E ele se tornou ainda melhor com o passar do tempo. Num lugar assim, é impossível ficar imóvel. O espírito acaba cobrando por se deliciar com toda aquela magia. Assim foi. Muitas aventuras nasceram. E tudo por causa da ligação de um anjo que me fez uma proposta e eu, pleno de vontade, aceitei-a. Genial!

Um anjo diferente

Era uma vez uma sexta-feira qualquer. Dia útil do calendário comum onde não costumam acontecer grandes fatos. Quase perto da uma hora da tarde, inesperadamente, recebo uma chamada telefônica. Surpresa imediata. Atendi-a, solícito. Três minutos de conversa. De um lado uma proposta. De outro, o aceite. Tudo combinado para uma visita ao local naquele mesmo dia.

Já me detive falando do meu pedaço de paraíso. Não imaginava, porém, que a definição dada por mim ao Seminário Scalabrini fosse tão exata. Não é que vim a descobrir a identidade de quem me lançou a proposta naquela chamada telefônica? Era um anjo!

Está certo, é preciso dizer: esqueçamos a ideia de ser angelical que temos em mente, aquele vestido de branco, com asas, cachos dourados e uma auréola na cabeça. O que conheci aquela tarde gosta mesmo do trabalho do campo; usa roupas simples, óculos, não tem pompa nenhuma exteriormente, mas por dentro exala uma jovialidade ímpar e um encantamento irretocável. Chamam-no reitor, ou seja, comanda o lugar. Logo, por dedução lógica, é um padre. Uma pessoa a serviço do sacerdócio. Um homem de nome Celito.

Aos poucos fui conhecendo melhor aquela figura emblemática. Padre Celito não pode ser considerado o chefe centralizador; é um pai, um protetor, um conselheiro especial. A condução de seus meninos não é feita impositivamente, ao contrário: apaixonado que é pelo entendimento mútuo, busca sempre ouvir e equilibrar as atitudes para tomar as melhores decisões. E a seu modo foi criando verdadeiras famílias, que deixam de ser simples agrupamentos de garotos em busca de formação religiosa para serem verdadeiro lar, no mais famoso sentido da palavra: Lugar de Acolhimento e Refúgio.

Esse anjo, mesmo não tendo poderes celestiais, torna o pouco uma verdadeira fartura. Aqui e ali vai semeando um futuro

melhor. É rígido, mas não perde o sorriso. Reservado, é concentrado em suas tarefas, mas não deixa de torcer pelo seu Grêmio ou de acompanhar uma boa festa preparada por seus pupilos. Generoso, estende a mão a quem precisa. Como qualquer ser humano também tem dúvidas, angústias, também sofre. Todavia, ergue-se fiel e dedicado, pois mantém acesa a chama de dois pilares básicos para um ser de luz: o amor ao próximo e a esperança.

Certamente Padre Celito sabe que seu legado é enorme. Não se exhibe, contudo. Prefere trabalhar no silêncio fortificante da vida, caminhando um passo por vez. Seus meninos, e eu, da mesma forma, aplaudimos seu trabalho. Pois hoje, aonde quer que estejamos, carregamos um pouco dele em nossos corações. E, sem sombra de dúvidas, somos pessoas melhores por sua influência.

Ao Celito da Kombi, torcedor fanático, pai carinhoso, sacerdote exemplar, amigo de todos, apenas uma palavra é suficiente para resumir toda essa admiração: gratidão!

Campo de refugiados

Um apaixonado por livros jamais se recusará a pisar em uma biblioteca, ainda que esta esteja em um espaço religioso, onde se presume haver predominância de obras daquele gênero. Quem ama as letras é um encantado por natureza por qualquer pedaço de papel que contenha uma boa história, uma teoria bem fundamentada, goste-se delas ou não.

Foi com esse espírito de veneração ao mundo literário que me deixei conduzir, já na segunda semana de atividades no Seminário, à biblioteca do lugar. Aquela era uma época frutífera para me deliciar nos livros. Era o tempo em que eu rabiscava versos em cadernos, fazia-me de poeta, brincava com as palavras (se escrevia bem, ou não, é outra história). Então, conhecer um ambiente recheado de monumentos à palavra se tornara um verdadeiro prazer.

E qual não foi minha surpresa ao entrar naquele local e ver distribuídos sobre várias estantes os momentos mais geniais de autores clássicos, brasileiros e universais? Não havia somente filosofia e religião lá. Tinha de tudo! Machado de Assis, Castro Alves, Boccaccio, Albert Camus, Gustave Flaubert, Joseph Conrad e uma infinidade de autores de uma primazia inigualável.

Mais um amor à primeira vista nascia ali. Meu coração já pulsava forte por aquele cantinho. Meus dedos folhearam alegremente as páginas já amareladas de diversas enciclopédias, descobriram as maravilhas de Madame Bovary e de Decamerão, passearam por coletâneas inteiras sobre História Mundial e biografias famosas. Fora os livros didáticos, tão úteis naquele momento à minha missão, os filosóficos, os escritos em língua italiana. Todos espetaculares!

De tão extasiado que estava quase me esqueci que dois dos meus aprendizes, Marcos e Marcelo, estavam me acompanhando. Mas, como num ímpeto de grande satisfação e uma vontade imensa de dividir um segredo, chamaram-me a um canto e me mostraram

duas joias lá existentes: uma antiga máquina de escrever vermelha e a tia Zefinha. Com a máquina me delicieei no mesmo instante, maravilhado que sou por raridades. Mas, quem era essa tia? Ali vivia?

Conheci, então, toda a história. Percebi que a imaginação daqueles meninos, tão fértil, poderia render bons frutos. Ali surgia uma grande parceria, advinda do meu fascínio por aquele mundo criado por eles, que me tornou "fazedor" de contos e histórias de uma tia maluca e seus sobrinhos mais doidos ainda....

Alalua!

O fruto encantado

A arte de criar personagens é tocante. De repente você está no meio do nada, observa uma cena, ouve uma expressão qualquer, percebe no amigo, na avó ou no desconhecido um trejeito interessante e pimba: nasce uma nova figura.

Para que serve essa fantasia? Para a dramaturgia, em geral. Literatura, teatro, espetáculos variados. Mas pode também servir para divertir e ser um canal para expressar a criatividade escondida dentro de cada um.

Num dia de muita inspiração imaginativa, depois de ouvido à exaustão aquele nome de um colega, alguns de meus aprendizes seminaristas começaram a dar forma a essa personagem. Era a tia, amável e maluca, com sua mobilete e seu notebook (a máquina de escrever vermelha), muitas aventuras prontas para florescerem, muita magia envolvida. A mulher ligeira e faceira que apreciava uma boa rapadura, que já tinha vivido muitos séculos e, ainda assim, era jovem e atual, a criadora do Alalua, manifestação própria da alegria, da paixão pela vida. Ela, a inestimável, a formidável, a rapadurística TIA ZEPHINHA!

Rapidamente se tornou um verdadeiro xodó, e quando eu a conheci brotou um amor de imediato. Falar dela junto de seus sobrinhos era fantástico. Quantas boas histórias repousavam adormecidas nas narrativas que me faziam os seminaristas! Quanto material para criar aventuras, para sair por aí contando causos às crianças, abraçando outras pessoas com essa pulsação fantasiosa!

Como desejei entrar para aquela família! Descobri, porém, que só poderia fazê-lo se houvesse o batismo oficial, o chamado de Zepha. Resolvi, portanto, usar da escrita para deixar minha herança. Muitos foram os contos que dali surgiram, todos tecidos com uma vivacidade ilimitada. E quando da chegada de meu aniversário de dezoito anos, eis que recebo uma surpresa: um ofício rapadurístico (assim chamamos os ofícios de Zepha) me tornava oficialmente seu sobrinho. Agora sim eu estava pronto para explorar totalmente esse universo.

A semente, de tão bem plantada, germinou vigorosa, e se tornou um lindo livro infantil no ano de 2016: o Roda Pião. A essência mais pura das invenções daqueles meninos foi para as páginas daquela obra, com a tia comandando sua trupe, muito bem ilustrados, diga-se de passagem, por Maicon Ribeiro, o nosso Capitão Giz de Cera.

E como felicidade é elemento essencial da vida, quanto mais se tem, melhor se vive, encontrei em uma antiga parceira de teatro a mulher ideal para encarnar a tia e levá-la aos quatro cantos. Foi assim que Beth, minha eterna sócia, colocou um toque de sua delicadeza às formas da personagem e criou um tipo único, encantador e divertido, sendo que, até o momento em que esse texto é escrito, já são somadas mais de dez apresentações em escolas, onde Gabito Pirulito e Tia Zefinha (a grafia do nome foi levemente alterada em nome das crianças) fazem uma folia gostosa pra chuchu!

Com toda essa magia hoje temos um grupo de arte chamado Alalua, onde desenvolvemos teatro, contações de história, escrevemos livros, e pintamos, ao nosso modo, um mundo melhor. Tudo isso partindo de uma simples visita a uma biblioteca, numa quinta-feira onde o sol, quase se despedindo daquele dia, disse-me com carinho: vai, seja feliz, ali tem um mundo doce e fascinante a ser explorado!

Alalua!

Uma semente de união

Um espaço com tanto para oferecer, com pessoas tão maravilhosas, sempre reserva surpresas, doces encantos. Na minha vivência seminarística, com todos esses meninos de coração gigante, provei da mais pura sensação de acolhimento; era um gosto peculiar, singelo, verdadeiro. Um deguste de muita poesia, até hoje despertando boas lembranças.

Se eu fosse resumir tudo isso em algo concreto, o que é impossível, mas é válida a tarefa, diria que esse amor fraterno e delicioso se chamava pão de queijo. Ah, como eu era abraçado pela ternura dos pães de queijo que um jovem seminarista fazia! Macios e delicados, tais como seu criador, acompanhavam-me junto do chá, formando uma dupla perfeita. Por essa aura tipicamente mineira oferecida a mim, borbilhava-me uma fonte inesgotável de histórias, amores e sabores compartilhados com todos. Quando me tocavam a boca, afagavam-me o coração. E junto daquelas almas que aprendi a gostar tecia belas conversas, contava anedotas, apreciava a vida.

Confesso que, por vezes, cometi o pecado da gula. Humanamente impossível saborear um pão de queijo apenas, comia-os aos montes. Mas era uma gula gostosa! E mais, fazer desfeita com o cozinheiro é falta de respeito! Por isso me deliciava o quanto podia. Eu e todos os meninos. Nós, naqueles momentos, nada mais fazíamos do que exercitar o dom mais precioso nos dado pela divindade: o de sermos felizes! E quem propunha esses instantes era alguém tão nobre, um mineirinho tão estudioso e sonhador...

Um belo dia, no final daquele único ano em que eu e Marcelo, o mineiro, convivemos lado a lado, chegou o momento de sua partida. Finalizado o ensino médio, iria agora para sua terra desfrutar de um merecido descanso e, depois, continuar a caminhada que escolheu, mas em outro lugar. Ou seja, cumprira sua missão na cidade, e estava apto para viver novas aventuras.

Senti muito, é bem verdade. Não é fácil largar a mão de quem muito nos alimentou com seus dotes culinários, mas muito mais difícil é dizer "até breve" para o menino que, com bondade e candura, guiou-me pelo Seminário sempre, sendo um dos líderes mais ativos. Ao juntar essas duas características, Marcelo (que depois, nas histórias de tia Zefinha, teve o adjetivo Caramelo adicionado ao nome) se tornou um fiel amigo, um conselheiro e, por que não dizer, uma lenda viva!

Hoje, quando escrevo esses textos e relembro esse passado não muito distante, percebo a importância daqueles dias na minha formação pessoal. E exalto, muito feliz, o poder do pão de queijo. Com essa iguaria unimos pessoas. Sentados na roda boa dos diálogos intermináveis, evoluíamos. Cada fornada era uma enxurrada de carinho e ânimo novo para continuar sonhando.

Não deixarei de defender a ideia de proclamar o pão de queijo como a semente universal do bem e do altruísmo. Onde estiver bradarei aos quatro ventos dizendo que é da cozinha de Minas Gerais que vem o maior pedaço de pureza e felicidade já vista pelo homem. Algo sincera e verdadeiramente bão por demais, uai!

*Fui autorizado por Marcelo Caramelo a reproduzir a tão famosa receita de pão de queijo legitimamente mineiro. Se alguém quiser aproveitar, aí está!

Pão de Queijo

- 1 kg de polvilho azedo
- 3 ovos
- 1 colher de sopa de sal
- 1 copo de óleo
- 2 copos de leite
- 1/2 copo de água
- 300 gramas de queijo

Modo de preparo

- Sovar o polvilho com a água
- Ferver o leite e o óleo e jogar sobre o polvilho
- Depois colocar os ovos e o queijo e continuar sovando

*Obs: a massa deve ficar num ponto médio: nem muito mole, nem muito dura

Super máquina scalabriniana

Imaginem vocês uma super máquina potente, bonita, barulhenta (inclusive), rodando pelas vias de uma cidade de médio porte, com mais de meia dúzia de rapazes dentro dela, fazendo folia, conversando, trocando ideias. Para lá e para cá essa máquina corre, aventura-se, coloca sua emoção na pista, guiada por um sacerdote devoto de São Miguel. Afinal, de que estaria eu falando? Claro! Da Super Kombi do Seminário Scalabrini!

Dispensam-se muitos comentários sobre essa fenomenal criação da humanidade. Uma Kombi, com toda a sua beleza e encantamento, não é apenas um veículo: é um mundo de aventuras em quatro rodas, um espaço onde tudo pode acontecer lá dentro. Andar de Kombi é um ato histórico. Quem o faz se sente como se estivesse em uma época anterior, onde o mundo era menos chato e careta como nos dias atuais.

A majestosa dos seminaristas é como a maioria que se vê por aí. Tem tudo o que as outras têm, até porque seria esquisito não possuir os mesmos apetrechos. A sua diferença reside nas pessoas que a ocupam. Veja só: o motorista, o anjo Celito, é um dominador ímpar das artes automobilísticas; não dirige o veículo simplesmente, o faz flutuar. Os demais são garotos na fase áurea da adolescência, que não medem esforços para tornar o espaço um centro de diversão, cultura, lazer, mas também coisa séria.

A branquinha já os levou a muitos cantos. Já passeou por outras terras, já respirou outros ares, já foi até utilizada em gravação de filme! (filme, curta-metragem, trabalho para a escola, o nome pouco importa). É mimada como uma filha, adorada como uma mãe, recebe mais atenção que uma avó adoentada. Não passa uma semana sem que a lavem, sem que a acariciem e garantam que, depois da família, da Santíssima Trindade e dos estudos, ela é o grande amor da vida deles.

Foi esse ambiente de magia por uma super máquina que inspirou o atual Grupo de Arte Alalua, do qual sou um dos malucos

fundadores, a querer uma Kombi também. Já imaginou sair por aí carregando livros, brincadeiras, espírito arteiro a todos os cantos, tal como os seminaristas que carregam sonhos e suas vivências vocacionais? Seria o máximo!

Enquanto o nosso sonho não se realiza, eu me dedico a apreciar junto com eles o poder da Kombi. A vida, apesar de imensa e cheia de coisas boas, só tem sentido se houver aventuras, emoção, gargalhadas. É o que não falta se, junto com você, além de bons amigos, tem também um possante calibrado para fazer esses momentos vividos realmente valerem a pena.

É noite de São João

Dos doze meses anuais junho é, talvez, o que apresenta a aura mais apaixonante. É o frio se aproximando, são as bergamotas atingindo seu pico máximo, é a metade desse universo de 365 dias chamado "ano". Momento ótimo para esticar as pernas e os braços, olhar em volta, refletir, fazer ajustes, mas, acima de tudo, continuar a jornada. E, é claro, é mês de festa junina!

Essa sim traz uma beleza singular para essa época! Pipoca, bolo de fubá, amendoim, quentão, dança, animação. Uma riqueza sem tamanho, um brilho maravilhoso, sobretudo se a festividade é realizada por pessoas de coração nobre e delicado. Daí, então, tudo vira motivo para comemorar. Festa junina é outro elemento de união dos povos!

Pois em 2013, primeiro ano em que estive ligado ao Seminário Scalabrini, fui gentilmente convidado por meus aprendizes para o melhor evento até então conhecido, palavras deles. Seria um ótimo momento de me deliciar junto de um grupo tão unido, de conhecer pessoas novas e de espantar o frio com comida, bebida e alegria.

Com a cara e a coragem, como diz o velho ditado, eu fui. Queria realmente me jogar naquela sensação prazerosa proporcionada pelo convívio seminarístico. Sentia que devia estar sempre próximo a essa energia positiva, a esse novo e revigorante cotidiano em que havia me inserido. O resto, para mim, não importava àquela altura: a faculdade, as desilusões, as dúvidas. O tempo presente era o maior presente que eu poderia me conceder.

E não é que eles tinham razão sobre a magia que haveria ali? Naquela noite tão fria pude ver e sentir tudo aquilo que procurava. Vi um casamento caipira digno de aplausos efusivos, uma preparação cuidadosa e especial da festa, uma apresentação pirotécnica fantástica, uma fogueira enorme e crepitante, novidade para mim. Vi que o mundo, apesar de tudo, ainda é um lugar fascinante, escondendo belezas em detalhes da maior sutileza.

Jamais me esquecerei daquela encantada noite. Outras festas se seguiram, igualmente belas e tocantes, mas aquela, por ser a primeira, tem um gosto especial. Talvez tenha sido o meu tenro contato prático com o que se convém chamar de acolhida. Num junho fulgurante onde, como diz a música, o céu fica todo iluminado, fica o céu todo estrelado, pintadinho de balão!

É noite de São João!

Fiz-me feliz com um pé de bergamota

Como é grande o valor de um pomar! Quanta beleza existe no meio de árvores frutíferas que alimentam, neutralizam as energias, embelezam o espaço. Fornecem o doce sabor, o ambiente para conversas demoradas, a sombra para os dias de calor.

Por detrás do casarão verde do Seminário Scalabrini há um lindo pomar. Ali se encontram harmoniosamente distribuídas laranjeiras, bergamoteiras, ameixeiras. Ladeado por uma pequena estrada construída pelos seminaristas e protegida por araucárias e eucaliptos, o pulsante verde, que se transforma em colorido na época de nascimento das frutas, é um frescor aos olhos, à alma, ao coração e também à boca, que se delicia com tanta vitalidade.

Foi ali que me descobri feliz de verdade pela primeira vez em muito tempo quando, em um sábado de inverno, pus-me a comer bergamotas acompanhado de alguns aprendizes e uma boa conversa. Eternos minutos ao sol foram suficientes para que recobrasse o ânimo perdido em algum lugar desconhecido. O aroma, o frescor do dia, o teor do diálogo, a acolhida, a simplicidade, a natureza: senti-me abraçado pelo Universo que, instintivamente, dizia-me que havia muita vida em mim e muito a aproveitar.

Tornou-se um ritual a peregrinação semanal àquele espaço. Para me sentir em movimento, pleno de minhas capacidades, com mais coragem e determinação eu necessitava dessa inundação singela, mas tão benéfica. Era como um tratamento cumprido à risca: doses exageradas de encantamento sem motivo, injeções de devaneios poéticos, medidas sem extremos de francos compartilhamentos de vivências.

Ganhou minha saúde emocional. Cada instante passado sob aquela aura foi um renascer para mim. Vi-me livre, aberto, solidário. Com uma bergamota me reinventava. Com mais amigos por perto refazia o mundo. Com o auxílio do astro rei e da temperatura baixa, então, era imbatível. Ou seja, o poder da

natureza me fazia flutuar diante dessa complexidade tão bela chamada vida.

Ainda pretendo me deliciar mais e mais com toda aquela essência pura. A felicidade não exige muito: basta carinho, gratidão, bons amigos. E, quem sabe, um pé de bergamota carregado por perto!

Gratidão

É noite do dia 06 de junho de 2017 quando escrevo esse texto. Até o momento, desde aquele saudoso 10 de abril de 2013, já são contabilizados 1.518 dias de convivência esplendorosa com o Seminário Scalabrini. Muito? Pouco? Não sei. Apenas sei que é o tempo suficiente para já ter criado um vínculo quase familiar, uma intimidade particular com o espaço e com as pessoas que lá estão ou por lá passaram.

Falando nas pessoas é para elas que este último texto está destinado. Quero usar do espaço que me sobra para agradecer imensamente a todos aqueles com quem tenho compartilhado momentos nesses mais de quatro anos. Todos os padres, cozinheiras, faxineiras, enfermeiros, demais professores, amigos dos seminaristas, mas principalmente a eles, aos meninos, aos meus aprendizes, companheiros de muitas conversas, estudos, diversão. Minha gratidão a:

Marcelo, Marcos, Ruan, Júnior, Wilker, José Vytor, Maurício, Patrick, Willian, Alex, Henrique, Francisco, Samuel, Rafael, Anderson R., Tiago, João Paulo, Douglas, Jean, Alan, José Francisco, Anderson C., Loivo, Carlos Eduardo, Angelo, Felipe, Makallyste, Luan, Júlio, Bruno e Deivid.

Agora ou mais para frente sei que vamos nos cruzar novamente. A vida sempre se encarrega disso. Que vocês possam ser felizes sempre e em todo lugar. Meninos, o mais importante a dizer para vocês nesse momento é: vocês são demais!

Viva o Seminário Scalabrini!



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Quando decidi juntar alguns causos sobre minha vivência junto ao Seminário Scalabrini não imaginei o quão frutífera seria a tarefa. São quatro anos de puro encantamento com um lugar fascinante, que faz refletir, apaixonar-se, inspirar-se.

Não houve dia em que eu, estando lá, não tenha sido feliz. Tudo foi, e é, maravilhoso. É por isso que retirei a essência daquilo que pulsava em mim e teci essas breves crônicas. Quem sou eu? A definição dada pelos outros é: "Gabriel Cavalheiro Tonin, também conhecido como Gabito Pirulito, é professor, escritor e palhaço, tendo já publicado um livro (Roda Pião), e encantado muitas crianças por meio das trapalhadas de sua trupe, o Grupo Alalua."

Eu vejo diferente. Sou um arteiro, aprendiz da vida, meio poeta, meio palhaço, que em um dia iluminado encontrou um caminho maravilhoso e disse: isso faz meu coração vibrar. Assim seja hoje e sempre!



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

